

O DESIGN NA HARMONIZAÇÃO DO AMBIENTE IML

Letícia Rodrigues Silveira¹

Vanessa Wendhausen Lima²

RESUMO: Meios de comunicação em constante desenvolvimento tem levado aos seres humanos a informação ao alcance de um click. Notícias aguardadas nos telejornais, hoje são disponibilizadas muitas vezes em tempo real. Infelizmente nem todas as manchetes despertam sorrisos aos telespectadores, como é o caso das frequentes notícias de violência sexual no país. Com o aumento da onda de violência, não somente autoridades estão voltadas para crianças e adolescentes, mas civis tem se perguntado como ajudar aqueles aos quais o peso de vítima já está sobre os ombros? O Design, que busca solucionar problemas e propor melhorias com olhos voltados ao melhor resultado para prestadores e consumidores de serviços, foi utilizado neste presente estudo, com objetivo de usar de suas áreas de conhecimento para apresentar uma proposta de ambiente mais confortável e, possivelmente, menos traumático para vítimas de abuso sexual no ato de exame de corpo de delito. O ambiente escolhido para estudo foi o IML de Araranguá, responsável pelos exames desta categoria na região. Foram utilizados conhecimentos das áreas de semiótica e psicodinâmica das cores, com autores como Vaz e Silva (2016), Heller (2014), Azambuja (2021), juntamente com métodos projetuais para alcançar os objetivos deste trabalho. Provou-se que é possível utilizar conhecimentos de design para soluções em ambientes de delicada atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Design. Abuso sexual. Semiótica. Cor. Linguagem visual.

1. INTRODUÇÃO

O atual campo de estudo e mercado referente ao design vai além de um julgamento de um quadro na parede. Afinal, o que é o belo ou o feio se não adjetivos mutáveis pelo gosto individual do ser humano? O design vai além de questões como essa. Há obras dentro do design que fazem desta área de atuação um leque de possibilidades.

O design está presente em projetos estruturais, embalagens no supermercado, organização empresarial, mas não se limita a essas áreas. Sendo uma área de significado e estudos, um profissional é capaz de transformar um ambiente e tentar por meio de seus estudos, modificar a forma como este local é sentido. Usufruindo de

¹ Graduanda em Design. E-mail: lerodriguezdesign@gmail.com

² Doutora, orientadora e professora do Curso de Design na Unisatc. E-mail: vanessa.wendhausen@satc.edu.br



comunicação sensorial, o design pode estar no que se vê, ouve ou fala e manipular estes elementos ao seu favor para comunicar.

Tendo isso em vista, este projeto fará o uso de estudos na área da semiótica e cor, para uma proposta de melhoria no ambiente IML em que ocorre o exame de corpo de delito em adolescentes e crianças, vítimas de abuso sexual³, localizado em Araranguá, Santa Catarina. Assim, chega-se à pergunta problema deste trabalho: como o design pode melhorar o ambiente onde ocorrem os exames de corpo de delito em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual?

Para responder essa pergunta, esse estudo terá como **objetivo geral**, propor uma melhoria nos ambientes onde ocorrem os exames de corpo de delito em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Para isso estabeleceu-se os seguintes objetivos específicos: a) buscar conhecimentos das áreas de semiótica, cor e linguagem visual; b) entender como os elementos visuais podem estabelecer uma comunicação saudável aos seus espectadores; c) apresentar uma proposta de melhoria nos ambientes onde ocorrem os exames, baseada nos conhecimentos de design.

Entende-se que, para justificar esse trabalho, toma-se como ponto de partida os dados do crescimento de casos de violência, que tem preocupado pais e autoridades. A Unicef divulgou dados coletados entre 2017 a 2021, em que o índice apresenta 180 mil casos de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual no Brasil. (UNICEF, 2021)

Assim como a Unicef, o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos ressalta o aumento da violência sexual nos últimos anos e acrescenta que 52% destes casos acontecem em ambiente doméstico. Infelizmente com a pandemia Covid no país, escolas foram fechadas e as crianças e adolescentes passaram a ficar por tempo integral em suas casas, onde em muitos lares se estabelece o crime. (GOVERNO FEDERAL, 2021)

Segundo Mascarenhas (2010), crianças e adolescentes são apontados como as vítimas mais vulneráveis à violência e as consequências decorrentes dessa

³ Trata-se como abuso sexual no presente projeto o ato criminoso em que ocorre conjunção carnal sem consentimento (BRASIL, 2017).



exposição são, às vezes, irreversíveis, resultando danos físicos e psicológicos, além de prejudicar o crescimento, desenvolvimento e a maturação.

De acordo com Dias (2007), apenas 10 a 15% dos casos de abuso sexual são denunciados: as abordagens, que se tornam frequentes e abusivas, levam a um sentimento de insegurança, medo e vergonha, além do sentimento de culpa. Mesmo que as vítimas sejam acompanhadas por seus pais ou responsáveis, o processo de investigação criminal inclui examinar o corpo da vítima.

Cabe salientar que o processo de escuta dessas crianças nos ambientes policiais deve acontecer com profissionais capacitados para acolher, orientar e encaminhar, de acordo com suas necessidades e em espaço adequado; uma vez que, segundo Hoffmeister (2012), a escuta de crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual não é tarefa fácil para nenhum profissional.

A forma de realizar a escuta da criança no âmbito do judiciário em nosso país, data de Constituição de 1988. Ainda não há atualizações no que se refere às condições especiais da criança, tais como idade, maturidade e sofrimento emocional proveniente da agressão sofrida. As crianças abusadas sexualmente costumam ser escutadas como qualquer pessoa adulta (AZAMBUJA, 2006).

O constrangimento pode aumentar quando, assim que constatado o caso de abuso, ocorre o encaminhamento da vítima aos profissionais que têm como tarefa realizar os devidos exames corporais na criança ou no adolescente para comprovar o fato investigado. Visto que, em alguns casos, não há outra forma de se tornar verídico o fato, sem o devido exame, a vítima pode sofrer novos traumas, quando seu corpo é analisado. Como neste instante a presença da vítima é inevitável, o ambiente em que este exame é realizado pode ter total relação com o que ela pode vir a sentir.

O acolhimento em um ambiente tranquilo, acolhedor e lúdico, pode ser uma possibilidade de se obter diferentes resultados. A organização do ambiente físico, incluindo a sala onde a criança será submetida a exames corporais, também pode contribuir para gerar um clima intimidador, desigual e estressante.

Neste contexto, este presente estudo busca nas áreas de cor e semiótica, uma alternativa para uma comunicação visual diferente entre o local e o usuário. Utilizando de autores como Vaz e Silva (2016), Heller (2014), Abreu e Monteiro (2011), Azambuja *et al.* (2021), a proposta de um ambiente receptor às possíveis vítimas de abuso

sexual, foi sintetizada em estudos da área do Design, buscando utilizar recursos e estudos para um novo olhar ao local.

Neste estudo, a metodologia de pesquisa básica e qualitativa foi utilizada. Esta, que segundo Prodanov e Freitas (2013), é aquela que tem como objetivo o conhecimento, buscando o “avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (2013, p.51). Para isso, o objetivo exploratório, busca entender melhor as áreas estudadas em caráter bibliográfico, conduzindo por meio dos estudos já realizados, uma nova proposta fundamentada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Cor

Para Vaz e Silva (2016, p. 116), “a cor é uma sensação luminosa transmitida, pelo reflexo da luz em uma superfície, aos nossos olhos, que por meio de um sofisticado mecanismo fisiológico a percebe como colorida”. Classificadas como primárias, secundárias e terciárias as cores podem ser chamadas de luz ou pigmento.

Quando dispostas em um círculo cromático é possível analisar a presença de cores opostas umas às outras em relação ao posicionamento no círculo. Essas cores opostas são chamadas complementares e, as cores vizinhas, por sua vez, são chamadas de análogas, conforme Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Círculo Cores



Fonte: Adaptado de Gomide (2016, p.117)

As cores podem ser utilizadas de diferentes formas e, segundo Gomide (2016)

as possibilidades tecnológicas impulsionam tanto o mercado de corantes responsáveis por tintas plásticas e sintéticas, quanto da comunicação – mensagens visuais e cenários coloridos preenchem cada vez mais as metrópoles e as telas. No entanto, esse uso objetivo da aquarela não é impune. Porque atrás de cada cor tem uma história e é através dela que o colorista age. (2016, p.46),

Heller (2014, p. 22) afirma, em relação às cores e seus significados, que

cada cor pode produzir diferentes efeitos, frequentemente contraditórios. Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante. Em que consiste o efeito especial? Nenhuma cor está ali sozinha, está sempre cercada de outras cores. A cada efeito intervêm várias cores – um acorde cromático

Heller (2014) explica como um acorde cromático, ou seja, um agrupamento de determinadas cores pode apresentar sentimentos a seus intérpretes. Em entrevista realizada na Alemanha, homens e mulheres foram abordados com perguntas

referentes a cores e sentimentos relacionados. Com o levantamento das respostas, a autora pôde observar a repetição de alguns conceitos populares referentes aos significados que eram atribuídos às cores. Abaixo está um demonstrativo do resultado de alguns conjuntos de cores e seus significados atribuídos.

Figura 2 – Acordes Cromáticos



Fonte: Adaptado psicologia das cores (2012, p. 39)

A pesquisa mostrou que sentimentos e cores não são conectados ao acaso. Há simbologias nas cores e efeitos gerais que devem ser usados de forma racional, ressaltado pela autora que todo indivíduo que não busca conhecer e se aprofundar neste conhecimento está fadado a ultrapassagem pelos profissionais que fazem bom uso de seus atributos. Visto que detalhes como a apropriação de sentimentos às cores está vinculada a experiências de cada indivíduo, tendo em conta sua “bagagem” durante o percurso do tempo de vida percorrido. (HELLER,2014)

Dentre os resultados há as seguintes escolhas determinadas pelos entrevistados: O aconchegante: Marrom.

“Na decoração de moradias, o marrom é avaliado positivamente. A sua naturalidade, a sua falta de artificialidade faz do marrom a cor do aconchegante. Semelhante a ele é também o acorde → do sentimento de

estar em segurança. Marrom é a cor dos materiais rústicos, como a madeira, o couro e o algodão. Espaços com móveis marrons, tapetes marrons, revestimentos de madeira nas paredes e no chão dão uma impressão de espaço reduzido; e é exatamente essa limitação que transmite uma sensação de segurança. E o marrom gera um clima espacial ideal – é uma cor cálida, sem ser quente.” (HELLER, 2014, p.475)

A cor da inocência: Branco. Também classificado como a cor que significa limpeza. A autora afirma que “A limpeza é externa, a pureza vai mais a fundo; ambas estão associadas ao branco, não existem alternativas. O que precisa ser higiênico é branco. Qualquer mancha de sujeira se torna visível, tornando a limpeza fácil de controlar. (HELLER, p. 476). Assim como estas, o preto foi classificado como a cor da elegância, contrária a todo colorido e muito utilizada pelos designers.

A coloração verde também se destaca na pesquisa de Heller (2014, p.213) como a tonalidade da tranquilidade, abrigo. É comum entre os seres humanos o contato com a natureza em caráter de tranquilidade e inspiração, com em ambientes com jardins inseridos em construções.

Relacionado ao uso consciente dos recursos de significações de cada cor, Heller ressalta que “usar as cores de maneira bem direcionada significa poupar tempo e esforço” (2014, p. 21). Partindo deste conceito, por que não utilizar de significados comuns atribuídos às cores para empregar uma proposta de design de ambiente? Visto que este estudo realizado através do ouvir de 2 mil pessoas, podem agregar conceitos padronizados de certa forma, em uma maioria percentual, para ressignificar locais.

Considerando fatores como bagagem cultural, uma mesma cor pode significar paz e luto, como é o caso do branco, respectivamente no Brasil e no Japão. Nessas circunstâncias, poderia ser desagradável utilizar desta cor diretamente em campanhas neste local, considerando o significado regional. Porém, os designers e demais profissionais deveriam inutilizar o branco em seu uso devido ao significado? Se cada local é provido de sua própria cultura e ressignificação de elementos, como o profissional deve agir ao adicionar cores?

Heller defende que as cores podem ser utilizadas em acordes cromáticos, que consistem em utilizar a junção de cores que estão frequentemente assimiladas a

sentimentos parecidos, reforçando uma mesma mensagem. Desta forma o uso pode ser estudado e empregado de maneira a utilizar os recursos simbólicos a favor do profissional que está passando uma mensagem ao seu consumidor. (HELLER, 2014)

Existem vários locais em que a cor pode ser empregada como ambientes, roupas, peças gráficas, artigos culinários e tantos outros exemplos. Porém, a cor não pode ser analisada da mesma forma em locais distintos. É possível encontrarmos divergências de significados e julgamentos em determinados espaços. O cinza pode ressignificar um terno como estiloso e ser bem-visto frequentemente em cerimônias ou vestimentas sociais, porém ao empregar essa tonalidade a um simples *cupcake*, pode torná-lo pouco convidativo à uma mordida. Por isso, cores são analisadas por Hellen (2014) em diferentes esferas, cada qual com sua significação em contato com nossa visão.

Embora os significados sejam individuais, percebe-se, desde então, a existência de signos decifráveis em cada elemento visual, que coincide em informações captadas pelo cérebro humano e que podem ser interpretadas. Sendo a cor um gerador de significado, por que não se utilizar dela para uma sugestão de comportamento? Levando em consideração os conhecimentos culturais do ambiente e o estudo de psicodinâmica das cores.

Toda realidade sensorial envolve psicologia e interpretação. Cores são capazes de transmitir sensações no ambiente, como aconchegante, frio, quente, amplo. Assim como pode trazer paz, calma, fome, urgência, limpeza, mensagens através das cores, relacionadas ao estudo da coloração, o espaço em que são aplicadas e a utilização da estrutura. Sendo essas características sensoriais subordinadas ao interesse do artista (FARINA, 1990).

Assim como as cores, formas também são utilizadas como meios de informações. A harmonização entre os elementos visuais, se empregados de maneira correta, constituem um conjunto de dados captados pelo ser humano. De acordo com a Gestalt (GOMES FILHO, 2008) “a arte inicia-se no princípio da pregnância da forma. Ou seja, na formação das imagens, os fatores de equilíbrio, clareza e harmonia visual constituem para o ser humano uma necessidade e, por isso, são considerados indispensáveis”.

Quando o produto alcança, por meio de linguagem visual aplicada, seu objetivo de comunicar o que o designer previamente arquitetou, o objeto torna-se prenante. Gomes Filho (2008, p. 63), assim, define prenância da forma:

[...] em outras palavras, pode-se afirmar que o objeto com alta prenância é um objeto que tende espontaneamente para uma estrutura mais simples, mais equilibrada, mais homogênea e mais regular. Apresenta um máximo de harmonia, unificação, clareza formal e um mínimo de complicação visual na organização de suas partes ou unidades compositivas.

Prenância, então, trata-se de uma organização formal planejada, permitindo que o produto seja rapidamente identificado e registrado por seu visualizador. Dessa forma, além de ser notado, o produto passa a ser lembrado, gerando valor emocional à peça. Quanto mais prenante determinado produto for, melhor será seu resultado experiencial.

Com a escolha de cores e estudos relacionados à área, para comunicar uma mensagem através do ambiente, não só precisamos entender como comunicar, mas de que forma esta interação será recebida em nosso público. Para utilizarmos ferramentas de comunicação, a semiótica é indispensável. Sendo ela o estudo de todos os signos por meio dos quais a comunicação se estabelece.

2.2 Semiótica e Linguagem Visual

Com a evolução do papel do design e de sua área de atuação, o caráter estratégico ganha visibilidade nos projetos. O trabalho do designer deixa de ser visto apenas no âmbito industrial de produtos e serviços – o seu vetor econômico – e passa a ser notado na interação direta entre produto e usuário (NIEMEYER, 2003).

Sendo, neste caso, relacionado ao ambiente em que se faz necessário o olhar do profissional de design, pensando em vítimas de abuso sexual, os conhecimentos de semiótica, linguagem visual e cor apresentam caminhos que colaboram para uma harmonização do local. Além de seguro e agradável, pode-se transmitir paz, aconchego e bem-estar, por meio do uso pensado de determinadas formas de comunicação no ambiente de exame criminal.

Sintetizada por Abreu e Monteiro (2011), “a semiótica, também denominada teoria dos signos, é uma ciência dedicada ao estudo de toda e qualquer linguagem capaz de produzir sentido, significação e de comunicar”. O signo, por sua vez, tem papel mediador representando algo que não está presente para um espectador que se faz presente em observação a este objeto. Os signos mostram então, o sentido da peça visualizada utilizando-se da linguagem visual para levar informações.

Segundo Santaella (2001, p. 23), “quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação”, sendo ela falada ou não. Há três tipos de linguagem, segundo Niemeyer (2003): linguagem verbal, que faz o uso de palavras orais, ou escritas; linguagem não verbal, formada por elementos imagéticos, gestos ou sons; linguagem sincrética, formada por código de naturezas distintas. Esta é a categoria em que se enquadra a algumas produções em design.

Segundo Santaella (2007, p. 58) e ressaltado por outros autores, semiótica é o estudo dos signos. Signo, ainda segundo a autora, é algo que significa, que pode representar outro objeto carregando sua representação. Porém, o signo só pode ser interpretado como tal, se conseguir por meio de transmissão de informações, ser entendido por seu espectador. Em uma definição atualizada por Azambuja *et al.* (2021, p. 19), “podemos afirmar que signo é tudo aquilo que representa algo de forma a criar um efeito qualquer”.

Para um melhor entendimento, um exemplo de signo pode ser visto todos os dias por motoristas em algumas cidades, que compreendem, ao visualizarem vermelho em um semáforo, que o carro deve ser parado ao chegar no cruzamento. Signo pode ser interpretado, então, como uma forma de carregar significado a algo e transmiti-lo.

Peirce (Santaella 2007), utilizou três pilares para classificar os signos. São eles: a) quali-signo, sin-signo, legi-signo; b) signo objeto: índice, ícone e símbolo; c) interpretador: rema, dicente e argumento. O objetivo dos estudos de Peirce (ANO) foi a possibilidade de utilização destes entendimentos em outras áreas futuras. Cabe salientar, neste artigo, nos atentaremos às definições de índice, ícone e símbolos.

Azambuja *et al.* (2021, p. 25) definem **ícone** como a representação visual por semelhança, ou seja, algo que possa ser assemelhado por formas, cor ou elementos



gráficos a um determinado objeto ou coisa. Em outras palavras, são formas simples de representar algo, como as orelhas de coelho sem todos os detalhes pode representar o animal.

Já o **índice** é classificado por representação direta, não como notas musicais que se relacionam à música, mas como uma pegada representa um animal. Algo relacionado e interpretado com a bagagem memorial que o indivíduo interpretante possui. Para Azambuja *et al.* (2021, p. 26), o processo de relação entre o que se vê e o que se entende “pode apresentar variações conforme a qualidade do repositório mental de quem recebe a mensagem.”

Por último, classificados como **símbolos**, estão os signos que são interpretados por convenção, como um ícone de pássaro azul representa determinada rede social, ou alfabetos numéricos que são identificados mais facilmente por determinada parte da sociedade. Exemplifica-se a interpretação de signos deste tipo em autoescolas, onde os alunos são expostos ao conhecimento de vários símbolos representando comandos que serão utilizados nas vias para a circulação de veículos. Assim como utilizados para alertar e informar, os signos, quando bem interpretados são de grande valor, estabelecendo comunicações sem o uso de palavras, muitas vezes. Porém, é necessário ressaltar que o estudo destes elementos relacionados a cultura do local deve ser abordado com devido cuidado. Uma informação mal interpretada pode ocasionar em comportamentos não desejados.

Em uma sala de cirurgia, por exemplo, signos podem ser percebidos de maneiras distintas por médico e paciente. No momento que um sinal sonoro de um aparelho mantém o profissional informado dos sinais vitais de um paciente, o mesmo pode apresentar quadro de desconforto ou preocupação ao sentir-se monitorado. Visto que a interpretação de informações é agregada a cultura e meio em que o receptor está inserido, experiências hospitalares são neste caso o principal gerador de julgamentos na situação estabelecida.

Assim como a comunicação está em constante desenvolvimento, sofrendo mudanças no passar de gerações, modos de falar, agir, culturas modificadas e se solidificando com o tempo, o estudo da semiótica se faz cada vez mais necessário. A partir da utilização de signos, o estudo da semiótica pode tratar algo como objeto e se atentar aos seus possíveis significados. Ordenando, assim, os signos utilizados para



uma compreensão divergente, tanto no ato de criação, quanto quando a obra tem contato com o observador, para que este possa analisar e chegar o mais perto possível da informação que o designer queria transmitir em sua obra.

Visto que a linguagem, sendo ela de qualquer forma acima classificada, é a base de toda a comunicação, o designer pode ser entendido por meio de seus projetos. Atingindo seu público-alvo, sem realmente estar presente para explicar a obra, uma pessoa dentro do ambiente estudado, emocionalmente abalada pelo contexto aqui abordado.

O profissional de design em seu ato de criação, também deve estar atento aos tipos de influências a que sua obra estará exposta, como o público final entrará em contato e o ambiente em que estará inserido. Uma obra não pensada e exposta a um nicho cultural não estudado pode ser mal interpretada de forma a acarretar problemas ao profissional e um desconforto a seu público final, tudo pelo não entendimento da linguagem usada por seu idealizador.

Niemeyer (2003) fala sobre os três tipos de filtros que atuam no processo de instauração e interação com o objeto. São eles: filtros fisiológicos, culturais e emocionais. Estes, por sua vez, ajudam a entender o julgamento que pode ocorrer na percepção da obra, tendo em consideração onde ela é exposta, para que tipo de público e qual a situação cultural em que é instaurada (NIEMEYER, 2003).

Segundo Oliveira *et al.* (2019, p. 5), “toda mensagem está carregada de signos e significados, necessitando obrigatoriamente de um interpretante para que os assimile. Entretanto, o receptor da mensagem precisa conhecer e dominar minimamente o formato dos códigos presentes”. Em outras palavras, a compreensão da mensagem dependerá do seu interpretante e do quão inserido naqueles códigos usados ele estará no ato de um contato com a informação. Para que exista uma conversa entre o receptor e a linguagem usada no objeto, é necessário que estes estejam envolvidos em um mesmo patamar de comunicação.

O processo de criação em que o designer submete seu objeto não pode ser pensado somente como um único produto de significação pessoal, a menos que este não seja para um público e sim para si. Do contrário, a percepção do meio em que será introduzido seu produto e quem são os indivíduos que entrarão em contato com ele, devem ser levados em consideração na etapa de desenvolvimento. Se o público

não conseguir interpretar os signos que estarão no objeto, não haverá comunicação por ser a linguagem visual o meio de ligação produto/receptor.

Entretanto, o público final não é o único a ser atingido por estas informações. Niemeyer (2003) ressalta que “a mensagem percorre, por diferentes canais, caminhos até chegar ao seu público-alvo, mas não se restringe a esse”. Ele pode envolver pessoas que estão envolvidas não somente com a contratação do serviço, mas com a comercialização e difusão do produto gerado. Por isso, o designer deve conhecer seu cliente, estudando suas exigências, limitações e características, não só do receptor final, mas de todas as pessoas que terão contato com o produto, mesmo que mínimo.

O gerador de comunicação e seu interpretador são peças cruciais no desenvolvimento do projeto. A partir da comunicação entre essas duas esferas, há uma reação em resposta do produto emitida pelo receptor que, desta vez, passa a comunicar, e o gerador de informações, agora pode interpretar ou não a reação referente a sua obra. Para que um entendimento seja estabelecido entre os dois polos, tudo que está entre as duas ações deve ser estudado previamente para que possíveis erros de interpretação possam ser diagnosticados com antecedência e, assim, resolvidos antes que o produto saia da mesa de projeto.

Niemeyer (2003) afirma que o “gerador é responsável pela escolha das estratégias – código, mensagem e canal para se comunicar, mas o repertório do interpretador será o fator determinante para que os objetivos do processo comunicacional sejam atingidos”. Portanto, quanto maior for a abrangência do conhecimento do profissional de design referente a seu público final, que será o interpretador de suas mensagens, e ao meio em que ele está inserido, mais próximo o receptor chegará de uma observação já premeditada pelo designer. O conhecimento do todo permite que o gerador de informações explore de maneira, possivelmente assertiva, como os signos que envolvem seu projeto podem expressar mensagens visuais.

As estratégias utilizadas pelo, segundo Niemeyer (2003) são classificadas como: a) Código: que se trata do conjunto de signos interpretados pelo receptor; b) Mensagem: escolhida pelo receptor para o entendimento e para a condução do público final à uma reação/ação. c) Canal: meio escolhido para que a mensagem seja enviada.



Cabe, então, ao desenvolvedor do projeto utilizar-se de conhecimento de público e estratégia para atingir seus objetivos comunicacionais. A reação do público é dada por meio de seu repertório cultural. Isto é, o acervo que cada indivíduo possui referente aos valores, conhecimentos históricos, afetivos, culturais, religiosos, profissionais e experiências que este adquire ao longo de sua vida.

A proposta de melhoria do ambiente IML, que é o objetivo dessa pesquisa, está diretamente ligada aos meios de linguagem abordados por essas áreas do design. Considerando o contato individual que cada criança ou adolescente terá com a sala de exame, é preciso que os elementos comunicativos na área não provoquem nenhuma reação adversa no indivíduo. Visto que o objetivo aqui é amenizar o constrangimento e o dano psicológico a que a vítima estará exposta no ato do exame, decorrente de abuso sexual, o contato com um ambiente harmonioso tende a tornar o procedimento menos traumático.(DIAS,2007)

Alinhado a um atendimento e cuidado por meio dos profissionais que utilizarão a sala, o ambiente modificado harmoniosamente também pode facilitar o trabalho dos profissionais envolvidos, melhorando assim as condições tanto do examinador quanto do examinado. Um local com linguagem visual aplicada para um atendimento reorganizado, tornando o ato possivelmente mais humano. Logo, se a criança ou adolescente estiver possivelmente mais a vontade no ambiente, estará mais aberto ao exame, facilitando o processo de levantamento de provas.

Para empregar todo o conhecimento até aqui compartilhado, uma metodologia pode dividir e organizar em etapas os procedimentos evolutivos relacionado a este estudo. Assim, empregando a cada passo os estudos necessários para a construção do ambiente. Entre muitas metodologias, neste caso, utilizaremos a LOD.

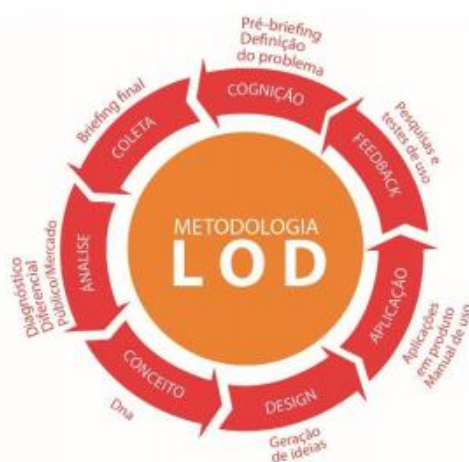
3. METODOLOGIA PROJETUAL

Seguindo o objetivo desse trabalho, que é apresentar uma proposta de melhoria no ambiente onde são realizados os exames de corpo de delito em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, optou-se por trabalhar pela Metodologia LOD, por se tratar de uma metodologia de ampla abrangência em resultados e etapas. Apresentada por Braun, Denardi e Gonçalves (2015), a Metodologia LOD consiste em facilitar a organização, utilizando de métodos do design que buscam não apenas

aprimorar estudos e resultados vindos dessa área, mas que abranja o mercado empresarial. Para Denardi (2017), um dos princípios do método criado pelo Laboratório de Orientação em Design da Unisatc – LOD, é a educação do mercado, visando apresentar os benefícios de soluções fundamentadas no design. A participação do cliente neste método é de visível importância, porém neste presente estudo não será possível, tendo em vista que o cliente final, deste trabalho, trata-se de uma vítima de um ato criminoso, protegida por lei quanto à exposição a possíveis interrogatórios não autorizados (BRASIL, 2017).

Embora traçada de forma linear, Denardi (2017) ressalta que a Metodologia pode ter sua trajetória entre as etapas ajustada, pois para diferentes tipos de problemas estipulados, podem surgir distintas necessidades de retornar com um novo olhar diante de uma etapa já percorrida. Assim, o usuário desse método pode transitar livremente entre as etapas projetuais, de acordo com sua necessidade. Mas como saber qual das etapas podem ou não ser necessárias? Antes de buscar os resultados, deve-se conhecer o caminho a ser traçado e de que maneira prosseguir.

Figura 3 – Metodologia Laboratório de Orientação em Design



Fonte: Braun; Denardi; Gonçalves (2015)

São sete etapas abordadas pela Metodologia LOD: a) Cognição; b) Coleta; c) Análise; d) Conceito; e) Design; f) Aplicação; g) Feedback. Organizadas em um esquema de mapa circular de direção orientada anti-horária. Considera-se importante



frisar que algumas etapas deste método serão abordadas de maneira direcionada à realidade atual deste estudo, em que o cliente final estará ausente em relação a opiniões ou *feedbacks*.

3.1 Cognição

Esta é primeira fase que caracteriza o contato inicial com o contratante, neste presente caso de estudo, com o campo a ser analisado. Nessa etapa o auxílio de notícias, redes sociais e dados expostos é explorado em prol de levantamento do maior número de informações sobre a empresa ou instituição a ser estudada. Assim, para o desenvolvimento deste projeto, algumas informações foram cruciais quanto a pesquisa de ambiente.

Para a realização dessa proposta tratada neste artigo, fez-se necessário que informações sobre onde e como é realizado o procedimento de exames de corpo de delito fossem levantadas. Nessa busca, o Instituto Médico Legal (IML), da região sul da AMESC, localizado em Araranguá, no estado de Santa Catarina, foi identificado como autor deste procedimento em nível regional. Em um primeiro contato via ligação telefônica, foi solicitado uma visita à instituição para obtenção de informações, que logo foi negado em decorrência de restrições devido à situação de quarentena em que se encontrava o município de Araranguá. Para chegar a esta informação de local, vários órgãos que trabalham com a área foram consultados, como funerárias que utilizam do laboratório no Instituto, policiais e funcionários de hospitais na região. Possibilitando assim a tentativa de interação.

3.2 Coleta

Dando sequência à busca de informações, esta etapa tem ênfase em afunilar a pesquisa, direcionando-a para a empresa e seus usuários, concorrentes, mercado de atuação e afins. Nesta fase, visitas são realizadas junto ao contratante para reconhecimento de área e campo de atuação. Também são solicitados contatos de fornecedores, usuários e parceiros para o levantamento de informações de terceiros com relação à empresa.

Como visto na coleta de dados anterior, a ida ao local não foi possível, então, utilizou-se de informações e direcionamento de colaboradores que prestam



serviços parceiros à instituição, como o contato de funerárias que tem conhecimento do local. Foi solicitada, junto à matriz IML de Florianópolis, uma autorização para liberação de fotos do local, feitas pelos próprios funcionários. Porém, devido à burocracia exigida para tal, foi analisado que o tempo hábil para as autorizações por este meio seria superior ao tempo de duração do presente projeto.

Desta forma, outro órgão foi tomado como possível colaborador para a pesquisa. Em contato com uma policial do departamento de Polícia Militar de Sombrio, Maiara Oliveira por ligação em fevereiro de 2021, foi identificado que o ato de investigação de abuso sexual faz parte da jurisdição da Polícia Civil. Assim, a policial militar disponibilizou o contato de uma policial civil, Denise Cardoso, que escutou a proposta de projeto através de ligação telefônica, esclareceu dúvidas e se dispôs para a obtenção de fotos do local, visando o seguimento do estudo.

3.3 Análise

Nesta etapa, ocorre a análise das informações levantadas referente à visita ou o contato feito na fase anterior. São levantados dados informativos em relação a mercado, público ou usuários que se utilizam do serviço prestado. Após a validação de cada ponto positivo e negativo referente ao serviço, é realizado um *briefing* que será apresentado e discutido para o entendimento do problema e discussão da importância do projeto.

Analisando a estrutura e design do ambiente, através dos arquivos enviados, essa fase da metodologia foi marcada pelo estudo do local a ser modificado. Utensílios presentes no ambiente, estado dos móveis, infraestrutura, assim como equipamento visível. Foram definidos locais de mudanças e prioridade de alterações.

3.4 Conceito

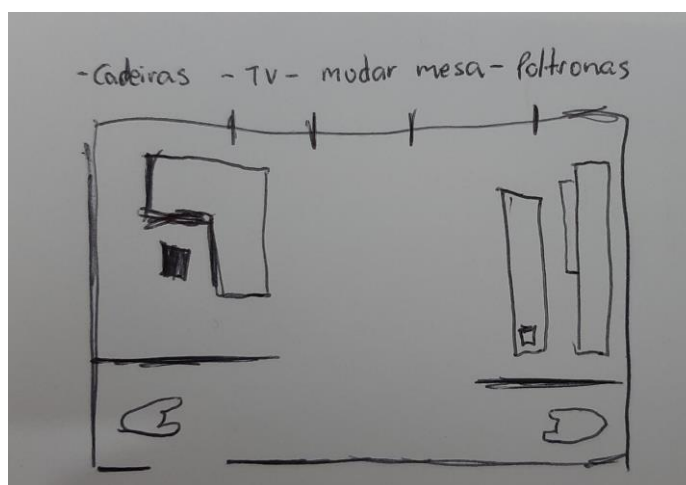
Fase em que o conceito, ou seja, a base do projeto é definida. Etapa em que podem ocorrer a utilização de ferramentas que visem a interação com empresas relacionadas ao contratante. Assim, obtendo participação de opiniões de terceiros na realização de conceitualização projetual.

quantitativo de aprovação. Logo após, o resultado é apresentado à empresa junto com os dados de pesquisa de aceitação obtidos através de ferramentas como questionário.

Utiliza-se desta etapa para que o projeto de proposta de design de ambiente tenha a geração de ideias, tendo como base as informações coletadas e o conteúdo estudado. Como o público não fará parte da validação, o objetivo da proposta é, através de estudo, buscar o conforto da vítima possivelmente já fragilizada emocionalmente pelo ato do exame e crime anterior. Assim, usando do design para amenizar possíveis danos causados por traumas que podem ser gerados no decorrer do exame ocorrido na sala a ser redesenhada.

Nesta etapa, após levantamento de dados e análise dos arquivos, o uso de ferramenta para geração de ideias foi caracterizado por *rafes* que possibilitaram a visualização no papel de possibilidades em relação a mudanças no posicionamento dos móveis e facilitando o desenvolvimento e aprimoração do processo final.

Figura 5 – *Rafe*



Fonte: Elaborado pela autora.

3.6 Aplicação

Aplica-se os conceitos e projetos acordados com o cliente. Material digital, assim como impressos, podem ser utilizados nessa fase. A parte de implementação do projeto pode ser acompanhada pelo designer, porém a aplicação é autorizada e tratada anteriormente com o solicitante do serviço. Desta forma, o contratante tem total acesso ao que está sendo realizado e, em paralelo a isso, pode analisar os



resultados. Alguns ajustes podem ser necessários nesta fase, considerando as possíveis situações que podem ocorrer no decorrer da implantação do projeto.

Isso também pode ocorrer em design de ambiente, considerando fatos não analisados como texturas presentes não calculadas, por exemplo. Modificações precisam ser feitas e aplicadas o quanto antes, por isso a importância de preservar todas as etapas da metodologia organizada, de forma que facilite o retorno ao seu material sempre que possível. No presente caso de proposta de ambiente deste artigo, a implantação não será concretizada no dado momento.

3.7 Feedback

O projeto e solução é acompanhado e aprovado com o cliente em seu uso habitual. Pesquisas de satisfação e entrega de relatório completo aos clientes estão presentes nesse período. Caso ocorra uma insatisfação, o projeto pode ser retomado e reajustado às aplicações solicitadas. Esta parte também não se fará presente no estudo aqui proposto.

4. ANÁLISE

A importância no ato do atendimento às vítimas de abuso sexual em seu exame de corpo de delito refere-se a cuidados com possíveis feridas emocionais que podem se formar e que podem acarretar novos problemas psicológicos, caso não sejam devidamente atendidos. A escolha dos profissionais, o cumprimento da lei e a cordialidade dos envolvidos, acarretam um atendimento humanizado e doloroso a uma pessoa com histórico emocional já abalado pelo crime ocorrido (MARRA; COSTA, 2018).

Além dos procedimentos tomados para o exame, pessoas envolvidas e o estado emocional da vítima, outras coisas podem influenciar o comportamento humano como, por exemplo, o ambiente em que a pessoa se encontra. O conteúdo de um local provoca estímulos visuais que, por sua vez, são interpretados pelo ser humano de acordo com sua bagagem emocional, cultural e individual.

Por meio da fundamentação deste artigo um ambiente pode ser trabalhado de inúmeras formas. Conhecendo estudos relacionados à área e utilizando de métodos para facilitar o projeto, um designer pode utilizar de signos, cores e cultura para trabalhar um ambiente planejado. O presente estudo busca usufruir de conhecimento e aplicação direcionada para melhorar a experiência de um público final, em consequência de exposição a fatores criminais. Assim como todo relato humano, imaginar uma criança que teve seu dia de brincadeira com seus colegas trocado por uma visita à um consultório para ser examinada, é um pensamento regado de bagagem cultural em conjunto a opiniões diferentes.

Não se pode trocar de memórias com alguém, porém não é difícil imaginar o nível de acúmulo de informações que possam passar em uma mente infantil cuja vida foi mudada por um ato criminoso. Os métodos investigativos, assim como nosso presente projeto, utilizam de etapas para o levantamento de informações. Em dado momento, os objetivos desse estudo coincidem com os objetivos do órgão responsável pelo levantamento de provas, já que esta busca lesionar psicologicamente, o mínimo possível, a vítima enquanto realiza os procedimentos necessários. Considerando esses pontos, pode-se então apresentar os meios que serão explorados por este artigo em busca de uma união de bem-estar e resultados facilitados.

Fundamentado por Farina (1990), as cores são responsáveis por adentrar no consciente humano através dos olhos e cérebro, de forma a disparar reações diversas que interferem nas atividades humanas sensoriais, afetivas e emocionais. Se uma campanha visual pode gerar sensação de fome, desejo, poder e segurança em seres humanos, por que não trabalhar isso a favor de um benefício para as vítimas de abuso? Ainda segundo o autor, é possível dizer que cores bem empregadas mudam o ambiente e podem ajudar em uma proposta de local para o exame de corpo de delito em crianças e adolescentes.

Assim como em qualquer projeto, faz-se necessário o estudo de campo de atuação. Imagens que foram concedidas por Oliveira⁴, facilitaram a análise do local

⁴ Denise Oliveira. Policial Civil de Sombrio - SC

onde a proposta será aplicada. O IML, órgão responsável pela realização do procedimento, também é destinado a outros serviços, possibilitando apenas um ambiente para cada atendimento específico. Imagens a seguir mostram o ambiente em luz natural, sob efeito de foto registrada por lentes de um aparelho celular.

Figura 6 – Sala do Exame



Fonte: Registro da colaboradora pública Denise Oliveira

Figura 7 – Sala do Exame



Fonte: Registro da colaboradora pública Denise Oliveira

Analisando as fotos, vimos que tons de cor creme são presentes no ambiente, o que é comum em estruturas consideradas mais antigas. A presença de cortinas com traços e cor forte, garantem a proteção contra a luz, porém traz ao local um aspecto hospitalar de seriedade. Assim como reforçado pelo design do piso e escolha de mobília, o ambiente pode ser considerado um local de atendimentos ágeis e pouco aberto a longas e confortáveis conversas, tendo em vista a ausência de assento ao público.

Ainda sobre a mobília, os furos de passagem de cabos presentes na mesa utilizada, indica móveis não projetados para o ambiente, em consideração a única cadeira à frente do computador em que, supostamente, é iniciado e documentado o atendimento. Fios expostos, lascas de tinta nas paredes e infiltração, somam à lista de itens analisados neste ambiente. Mas como poderia propor um ambiente diferente?

Para Gomes (2008), a harmonia no ambiente pode ser construída com elementos dispostos de maneira uniforme, sem que um armário, por exemplo, esteja travando uma disputa de atenção com um abajur de coloração quente. Tudo deve estar devidamente disposto no local de forma equilibrada visualmente no espaço físico

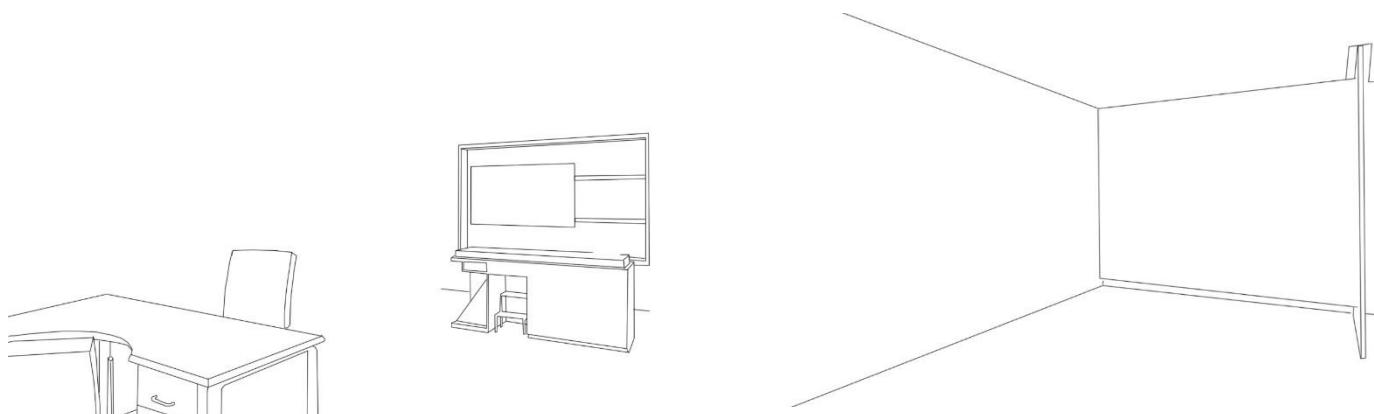
em que se encontra. Tais exigências podem ser atendidas por padronagens e equilíbrio de tons nos elementos de composição.

Superfícies de coloração escura, parecem ocupar menos espaço em comparação à mesma peça de cor clara, como o branco. O mesmo ocorre, segundo Farina (1990, p. 32), quando “as cores quentes necessitam de um espaço menor, pois se expandem mais; as cores frias necessitam mais espaço, pois se expandem menos” (FARINA, p.32). Porém, em tetos, a coloração escura pode provocar a sensação de um ambiente mais confortável em comparação a tetos claros, que geram amplitude.

Visando o bem-estar da vítima exposta ao ambiente acima apresentado por fotos, foi reconstruída uma proposta de sala em que as cores foram selecionadas de acordo com os estudos aqui presentes neste artigo. Tonalidades que remetem ao conforto, harmonia e objetos naturais para a tranquilidade do ambiente, foram distribuídos em um espaço simulado.

Após a análise em detalhes visíveis nas fotos do ambiente, o projeto começa a tomar forma nesta etapa de construção da ideia. Aos poucos o *rafe* deu lugar a formas mais compreensíveis em espaço e detalhes. A começar pela área delimitada virtualmente e a inclusão de móveis principais utilizados no dia a dia de uma sala de exames, como maca e móveis de atendimento necessárias ao médico responsável, como mesa para equipamentos eletrônicos.

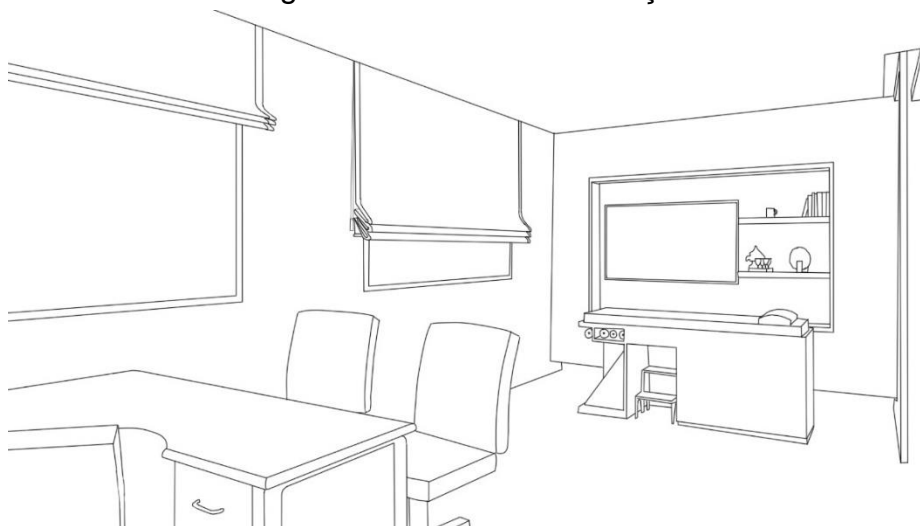
Figura 8 – Desenvolvendo Ideias



Fonte: Elaborado pela autora

Após a escolha de posicionamento de móveis e distribuição pelo espaço, iniciou-se a fase de detalhamento da proposta, contando com traços detalhados dos elementos da sala para facilitar a identificação do local e de cada item. O posicionamento da ilustração das janelas se faz presente nas próximas etapas, por se tratar de um elemento repetido duplamente com maior espaço para representar a importância da entrada de luz nessa proposta. Foram representadas em uma simulação de abertura total e mediana, para sintetizar a possível escolha de luz ambiente que ficaria a critério do profissional responsável durante o processo de atendimento. Dadas as circunstâncias de um mesmo local de exame para faixas etárias distintas de pacientes, não foi acrescentado ao ambiente itens ilustrativos, como desenhos ou cartazes informativos para que este local permanecesse neutro. Este passo foi dado ao analisar o ambiente original por fotos, onde não havia elemento visível de conteúdo adulto ou infantil de acesso ao paciente, indicando traços de uma sala neutra em relação à idade das vítimas.

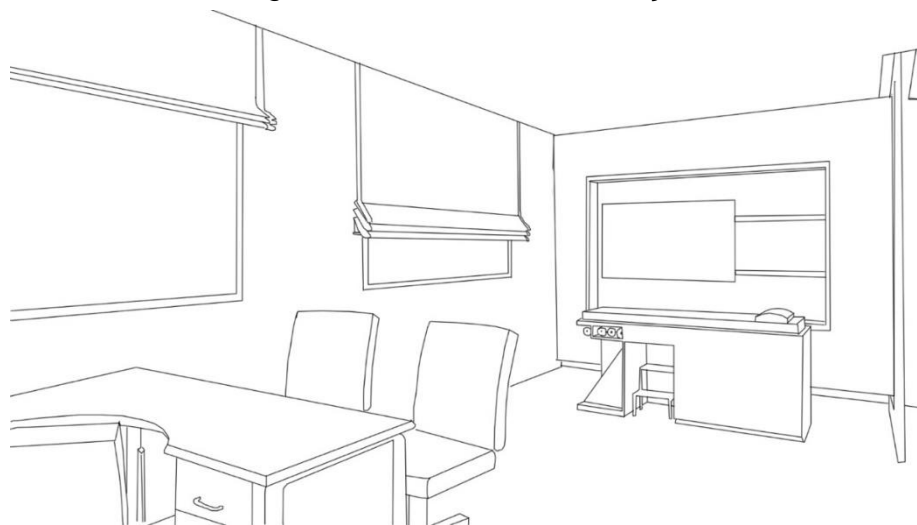
Figura 9 – Fase de Construção



Fonte: Elaborado pela autora

Seguindo a linha de construção do local, foram adicionadas ao ambiente elementos de decoração e simulação de aproveitamento de espaço nos móveis. Após a etapa, seguiu-se para a finalização das linhas e detalhamento e construção de sombras e efeitos de profundidade para tornar o ambiente virtual próximo ao real.

Figura 10 – Fase de Construção



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 11 – Fase de Construção



Fonte: Elaborado pela autora

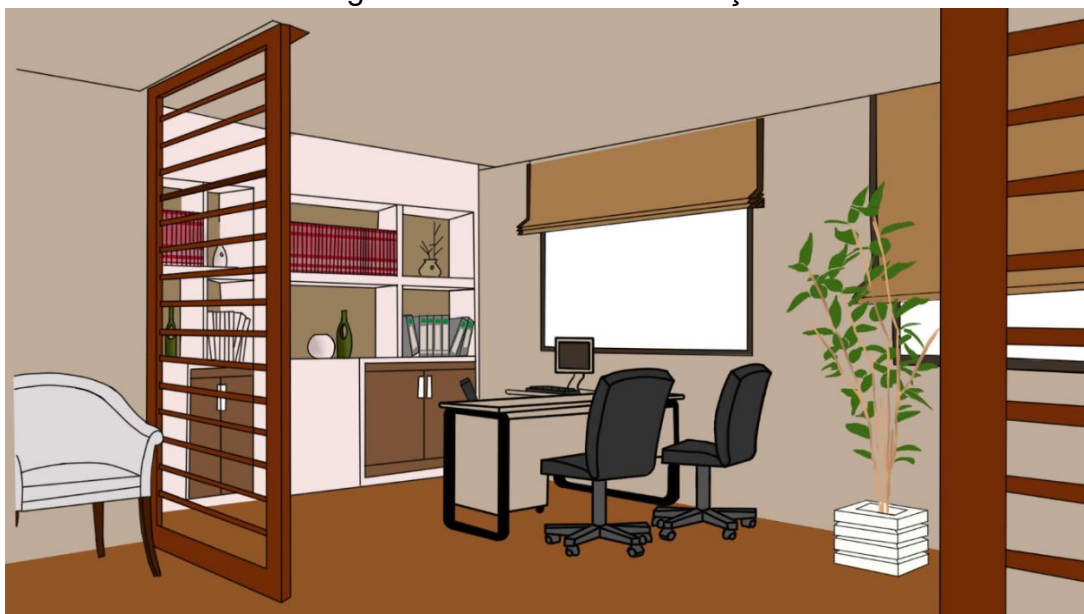
Figura 12 – Fase de Construção



Fonte: Elaborado pela autora

É válido ressaltar o uso dos conhecimentos adquiridos nos estudos realizados por Heller (2012), os quais foram citados neste artigo, com ênfase em cores relacionadas ao aconchego. Assim como a tranquilidade do verde e as características do acorde cromático formado por cores como marrom, preto, branco e verde. Estas cores estão presentes na proposta do ambiente a seguir.

Figura 13 – Fase de Construção



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 14 – Fase Final



Fonte: Elaborado pela autora

Figura 15 – Fase Final



Fonte: Elaborado pela autora

Nesta proposta, desenvolvida através dos softwares *Illustrator* e *SketchUp*, aprimorada em *Photoshop*, foi utilizado textura de madeira no chão para que o ambiente tenha um aspecto mais aconchegante. Tonalidades claras nas paredes e móveis garantem a amplitude do espaço e maior área visual de detalhamento em contraste com as demais cores. As cortinas foram redesenhadas com design moderno e simples de fácil utilização. Cadeiras foram acrescentadas assim como plantas, que caracterizam um ambiente mais leve e descontraído. Utensílios foram retirados do campo de visão para que o acesso e utilização sejam apenas do profissional que realizará o exame neste ambiente.

Heller (2014), apresenta uma pesquisa cujos resultados foram de grande importância nesta proposta. Informações sobre interpretações de cores relacionada a números de pessoas de mesma opinião, alimentam o ambiente apresentado. Nas cores utilizadas como marrom, branco, preto e verde, buscamos trazer ao ambiente uma sensação de aconchego, segurança e tranquilidade. Não deixando de lado tonalidades escuras de significado sofisticado. Alinhado aos conhecimentos de semiótica, que é responsável pelo estudo da comunicação entre interpretações distintas, o estudo dos signos permitiu a visualização de uma proposta com uma linha tênue que não buscamos ultrapassar, a intensidade da cor e suas significações distintas. Ao mesmo tempo em que uma cor pode apresentar segurança, como é o caso do marrom, vimos que seu uso exagerado pode ser identificado como sujeira ou levar ao receptor a ideia de um ambiente escuro e sufocante.

Também presente nesta proposta está a bancada de exames, redesenhada de forma mais simples para naturalizar a presença do móvel no ambiente. Objetos de cores quentes e madeira nas portas do armário e estantes, buscam um equilíbrio entre a fragilidade do momento do exame e a construção de um ambiente descontraído. Aparelho de mídia – televisor; anexado ao painel próximo à bancada de exames, para o auxílio ao profissional em ocorrência de exames em crianças, cuja concentração seja facilitada ao ver seu desenho preferido sendo exibido.



Optou-se por teto claro, pois por presença de demais itens de tonalidade escura, apresentou melhor engajamento, tornando o ambiente mais amplo. Móveis foram redesenhados, embutidos nas paredes buscando mais espaço de movimentação e facilitando a higienização do local. Rachaduras e fios soltos foram retirados do local, para uma sugestão de ambiente limpo e harmonioso.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, M. R. F. (2006). Violência sexual intrafamiliar: Interfaces com a convivência familiar, a oitiva da criança e a prova da materialidade. *Revista dos Tribunais*, 95(852), 425-446.

AZAMBUJA, Cristina; MENDES, Giselly; SILVA, Sílvia. **Estética e Semiótica Aplicadas ao Design**. Curitiba: InterSaberes, 2021

ARNHEIM, Erich. **Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora**. In: FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*. 4 ed. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1990. 231p

BRAUN, DENARDI, GONÇALVES: **Metodologia LOD**. Disponível em:

<https://medium.com/revista-letraset/metodologia-lod-46f1bccbceb2> Acesso em: 26 de nov. 2019.

CÂNDIDO, Carlos Aparecido; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; CONTANI, Miguel Luiz. **Gestão Estratégica da Informação: semiótica aplicada ao processo de tomada de decisão**. Disponível em:

http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/08/pdf_99267ae0ff_0011609.pdf . Acesso em: 26 de nov. 2019

DALTOÉ Cezar, J. A. (2007). Depoimento sem dano: Uma alternativa para inquirir crianças e adolescentes nos processos judiciais. Porto Alegre: Livraria do Advogado.

DIAS, M. B. (2007). Incesto e o mito da família feliz. In M. B. Dias (Org.), *Incesto e alienação parental* (pp. 17-49). São Paulo: Revista dos Tribunais.

GOMES FILHO, João. *Gestalt do Objeto: Sistema de Leitura Visual da Forma*. 8 ed. São Paulo: Editora Escrituras 2008

GOMES DE ABREU, Joel; MONTEIRO, Silvana. *Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento*. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1273/1451> Acesso em: 26 de nov. 2019.



GOMIDE, G. I. Cor e a construção cultural. **RuMoRes**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 42-57, 2016. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2016.111850. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/111850>. Acesso em: 6 jul. 2021.

GOVERNO FEDERAL. Casos de violência sexual e conscientização. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/campanha-conscientiza-populacao-sobre-combate-ao-abuso-sexual-de-criancas-e-adolescentes> . Acesso em: 17 de dez. 2021.

HOFFMEISTER, M. V. (2012). Tomada de depoimento especial de crianças e adolescentes em situação de abuso sexual: Desafios à intervenção profissional do assistente social na perspectiva da garantia dos direitos humanos (Dissertação de mestrado). PUCRS, Porto Alegre.

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. Barcelona: Editora Garamond, 2012.

MASCARENHAS MDM, Malta DC, Silva MMA, Lima CM, Carvalho MGO, Oliveira VLA. Violência contra a criança: revelando o perfil dos empreendimentos em serviços de emergência, Brasil, 2006 e 2007. Cad Saúde Pública. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2010000200013> . Acesso em: 22 de set. 2019.

MARRA, Marlene Magnabosco; COSTA, Liana Fortunato. Entre revelação e atendimento: família e abuso sexual (acesso em 21/11/2019) Disponível em: <https://revistas.uosario.edu.co/index.php/apl/article/view/3564> . Acesso em: 22 de set. 2019.

NIEMEYER, Lucy. Elementos de semiótica aplicados ao design. Rio de Janeiro, 2AB, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Organização Panamericana da Saúde - OPAS. Prevenção da violência: a evidência [Internet]. 2013 . Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85671/1/9789275317488_spa.pdf . Acesso em: 22 de set. 2019

OLIVEIRA, Bruna Aparecida Alves; FACCIOCCHI, Daniele; PRESTES, Douglas Maciel; BANDO, Felipe Motohiro; CARDENAL, Jozieli. Aos Seus Olhos: a Semiótica Inserida no Processo de Criação e Análise de Uma História em Quadrinhos Enquanto Mediadora de Reflexões Sociais. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0125-1.pdf> . Acesso em: 26 de nov. 2019

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica e filosofia. São Paulo: Cultrix, 1972.

SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica. São Paulo: Hedra, 2017.

SANTOS, Emyle dos Santos. A cor no design do ambiente hospitalar contemporâneo. 200 p. (2015). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia,



Salvador, (2015). Disponível em:

<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2118/2/20582956.pdf>.

Acesso em: 26 nov. 2019

UNICEF. Casos de violência no país no período de 5 anos. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil> . Acesso em

17 de dez. 2021.

VAZ, Adriana; SILVA, Rossano. **Fundamentos da Linguagem Visual**. Curitiba: InterSaber, 2016.

_____. LEI Nº 13.431, DE 4 DE ABRIL DE 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm Acesso em: 27 mai. 2021.